

DO PIONEIRISMO AO ESQUECIMENTO: AS TRANSFORMAÇÕES URBANAS DE FERNÃO VELHO, MACEIÓ-AL

Hugo Fernando Calheiros Angelo¹

Carina Leticia Rodrigues Oliveira Falcão²

Mônica Peixoto Vianna³

Arquitetura e Urbanismo



ISSN IMPRESSO 1980-1785

ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

RESUMO

Esta pesquisa fez um levantamento e estudo do antigo núcleo residencial operário de Fernão Velho e daquela que ficou conhecida como “Fábrica Carmen”, verificando suas configurações espaciais, as tipologias de arquitetura e suas relações com diferentes conceitos de habitat e, finalmente, o processo de desmonte e a situação atual desses espaços. Abordou um período em que aconteceram as primeiras tentativas de industrialização do Estado, por meio da fundação de sua primeira fábrica têxtil e vila operária. Baseou-se em levantamentos bibliográficos, iconográficos e audiovisuais sobre o tema abordado, além de levantamentos e sistematização de informações obtidas por meio das pesquisas em arquivos locais e em portais virtuais de periódicos de instituições científicas, e de visitas ao antigo núcleo operário de Fernão Velho, atualmente um bairro de Maceió, Alagoas. A pesquisa constatou o processo de esquecimento e abandono que o bairro vem sofrendo ao passo em que sua relevância econômica deixou de ser uma peça chave para administração da cidade e do Estado. Mostra assim, como este fato trouxe consequências sociais importantes como a falta de oportunidades de emprego para os antigos e também o risco de desaparecimento dessa população nos próximos anos, já que muitas famílias acabaram por mudar de endereço.

PALAVRAS-CHAVE

Patrimônio Industrial. Núcleo Fabril. Fernão Velho.

1 O ALGODÃO E A INDÚSTRIA TÊXTIL EM ALAGOAS

Na história de Alagoas, o açúcar assumiu o papel de protagonista nas páginas de estudos que narraram sobre as forças de produção econômica do estado. A sua perpetuação no imaginário do povo se deu pela forte presença e dominação em áreas importantes da sociedade, como no quadro político, que continuam trazendo nomes que representam o setor açucareiro.

O cultivo do algodão começou a ser implantado como uma nova tentativa de independência econômica. Assim, teve seu início por pequenos agricultores pobres, de descaroadores remediados e de grandes comerciantes. Apesar de seu início titubeante, o setor algodoeiro encontrou espaço limitado dentro do campo de atuação alagoano.

Diante da redução do mercado açucareiro, tem-se o declínio dos engenhos relacionado ao fato de que a tecnologia da época já não contava mais com inovações que acarretassem na aceleração e qualidade dos produtos, além do preço dos escravos que os senhores de engenhos já não podiam pagar e o desinteresse europeu devido à concorrência entre os mercados.

A presença do algodão vinculou-se, assim, à grande importância da cana e conseguiu proporcionar uma mensurada força arrecadadora frente a sua produção de itens favoráveis ao desempenho potente e resistente da economia.

As treze fábricas de fiação e tecelagem implantadas entre os anos 1930 e 1960 foi o que deu origem ao pioneirismo da produção, tendo suas sedes em Maceió, Penedo, Pilar, Rio Largo, São Miguel dos Campos e Delmiro Gouveia.

Em Maceió encontra-se a importante Fábrica Companhia União Mercantil (Fernão Velho), fundada pelo Comendador José Antônio Mendonça. Como cita o texto de tema "Os pioneiros", o bairro era naquela época o mais nobre de Maceió, contou com os primeiros bondes da capital, e, além de energia elétrica e água canalizada, o bairro era agraciado com as verdadeiras mansões que emolduravam o belo cenário paisagístico que margeava a lagoa Mundaú. Além das fábricas Alexandria, da família Lôbo (Bom Parto), Santa Margarida (Jaraguá) e da Norte de Alagoas (Saúde), da família Nogueira (ESTADO..., 2018). Na segunda metade do século XIX, houve a instauração das outras fábricas de mesmo tipo.

Merece destaque nesse momento o processo de urbanização que ocorreu em Alagoas. O surgimento de um novo conceito de moradia se deu em razão das instalações destinadas à produção fabril no ramo têxtil. Sua composição final destina-se por um extenso conjunto arquitetônico com diversas instalações destinadas à oferta de serviços diversos para as pessoas que ali passaram a residir e trabalhar (TAVARES, 2016).

O trabalhador que antes vivia do campo, percebeu sua vida remodelada não apenas pela mudança de moradia e estilo de vida, mas também pela nova experiência de vida urbana, industrial operária e de cidadania quando passaria a ter direitos trabalhistas ao trabalhar na fábrica.

Foram construídas pelo dono fabril casas, escolas, posto médico, loja e armazém, delegacia, além de área de lazer para seus trabalhadores. Diante dessas expectativas, criou-se um significado de novas experiências, abrindo conhecimento em outro universo social, do qual passa a fazer parte (TAVARES, 2016).

A partir da segunda metade do século XIX, esse novo estilo de vida manifesta-se em números bastante significativos e em diferentes regiões do país. Do ponto de vista de Correia (1997), as chamadas “vilas operárias” e os núcleos fabris passam a ser considerados como um “habitat proletário moderno”. Dessa maneira, é possível observar um novo conjunto de padrões baseado nas cidades e no capital mercantil-industrial. Essa época trouxe consigo diferentes estilos arquitetônicos e diversos modelos de habitação.

Nos próximos capítulos serão abordadas algumas demarcações temporais, indo e vindo às temporalidades que ultrapassaram os limites da história do bairro, penetrando diversos passados, presente e expectativas de futuro, seja pela contribuição e participação de diferentes memórias dos antigos operários, seja pela própria vivência no bairro advinda das visitas de campo.

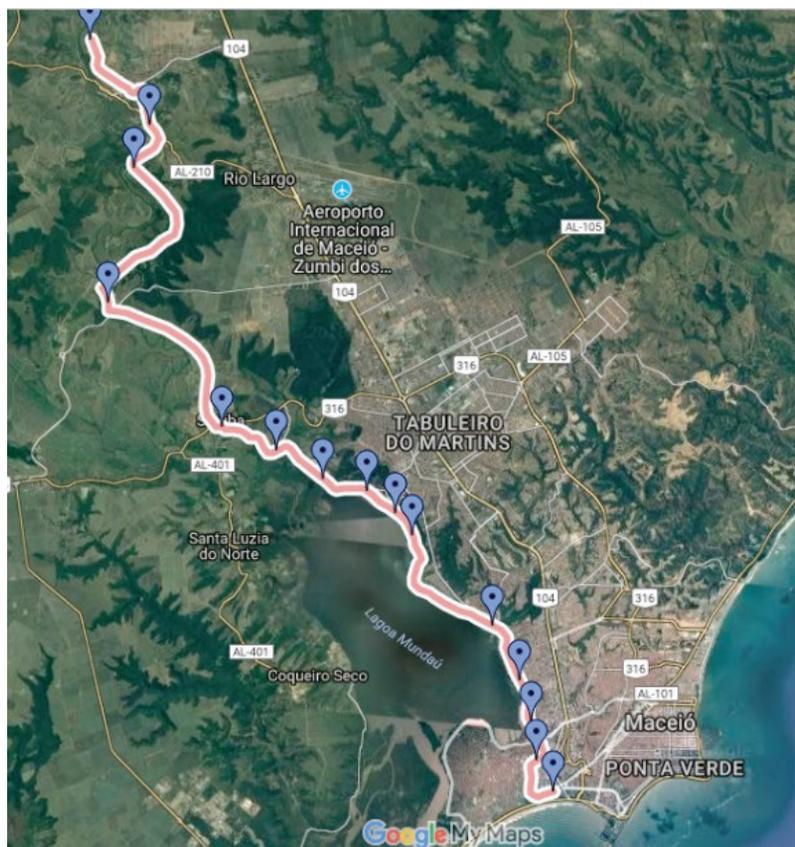
2 A CRIAÇÃO DA “COMPANHIA UNIÃO MERCANTIL” E DO NÚCLEO RESIDENCIAL OPERÁRIO DE FERNÃO VELHO

O processo de inauguração da fábrica têxtil se deu em um tempo de turbulências econômicas para o Brasil e com uma mão de obra ainda focada no trabalho escravo. Este fato fez com que a “Companhia União Mercantil”, inaugurada em 1857, fosse uma indústria pioneira com relação a produção e elaboração de bens econômicos, na estrutura trabalhista e na organização social (MARINGONI, 2011).

A região em que foi implantada, localiza-se a noroeste da capital de Alagoas, às margens da Lagoa Mundaú e sua urbanização se deu quando Dom Pedro II concedeu uma sesmaria a Fernão Dias Velho, sendo os seus primeiros habitantes compostos basicamente por pescadores e coletores de mariscos (TICIANELI, 2016). Quando José Antônio de Mendonça – Barão de Jaraguá – comprou as terras após a morte do fundador do distrito, foi dado ao distrito industrial o nome de seu primeiro dono, uma maneira encontrada para que ele pudesse ser homenageado (TICIANELI, 2015).

A área em que se encontra o atual bairro de Fernão Velho, foi essencial na estratégia de inserção da indústria têxtil em Alagoas. Longe dos bairros consolidados de Maceió, a vila operária pôde ser instituída para que os trabalhadores não precisassem se deslocar de outros bairros até os seus trabalhos na fábrica, havendo o controle patronal nos horários dos funcionários e nas atividades extras desenvolvidas nos momentos de folga.

Figura 2 – Mapa da linha ferroviária de Maceió-AL



Fonte: Brasil, CBTU (2018).

Outro fato que evidencia a importância de Fernão Velho, foi a necessidade de construção de uma linha ferroviária para que toda a produção de tecidos pudesse ser escoada para a distribuição nacional e internacional. O percurso do trem é feito para a região litorânea da Lagoa Mundaú até os dias atuais, sendo o destino final do trem, no Jaraguá, um importante bairro histórico que já apresentou no seu passado uma relevante relação comercial de brasileiros e estrangeiros (TENÓRIO; LESSA, 2013, p. 38).

O falecimento do seu primeiro proprietário, Barão de Jaraguá, ocorreu em Portugal, em seu País de origem, mas a venda da Companhia União Mercantil, em 1891 para uma outra família, só veio a se realizar há alguns anos após a sua morte. José Teixeira de Machado implementou novas instalações para o processo de fabricação devido ao aumento de produção dos tecidos e ampliou a vila operária para novos trabalhadores pudessem ser acomodados.

Quando Machado não esteve mais no comando, sua família ainda se encontrou responsável por liderar por mais algumas décadas e seus filhos não decepcionaram na maneira como lidaram com a fábrica. A expansão que vinha apresentando, foi herdado por Doutor Antônio de Melo Machado e Doutor Arthur de Melo Machado, que sucedeu o patriarca da família até o ano de 1938. Em sua dissertação de mestrado,

Ivo dos Santos Farias (2012) pôde afirmar que foi durante esse ciclo que o número de teares, por exemplo, multiplicou-se de 80 para 1000, evidenciando o momento de excelência que experimentava a indústria no início do século XX.

Mas apesar disso, como qualquer empresa familiar que possuem vozes importantes nos mais altos cargos, as divergências sobre as decisões a serem tomadas entre os proprietários e com relação a administração na qual eles lideravam, não veio a se tornar algo raro de ser testemunhado. Isso, somado ao fato de que a indústria têxtil brasileira vivenciou uma crise que afetou diretamente Fernão Velho, fazendo-se levar a sua venda em 1938 para a família Leão (FARIAS, 2012, p. 31).

Esses novos donos realizaram a ampliação da fábrica com novos maquinários e ampliação com relação à assistência social que os operários recebiam de seus donos, como na oferta para a realização de eventos esportivos com uma quadra de jogos (FARIAS, 2012, p. 32). Possibilitando algum tempo depois a criação de times de diversos esportes, como basquetebol ou voleibol, mas principalmente de futebol, formada pelos operários que viriam a participar de algumas competições.

Em 1943, a família Leão vendeu ao Grupo Othon, que uma das primeiras ações tomadas agora à frente da Companhia foi mudar o seu nome para Fábrica Carmen. O complexo fabril da nova família sofreu importantes mudanças na infraestrutura, "como drenagem e calçamento do povoado" ou a construção do Recreio Operário em 1948 (SILVA; PALMEIRA, 2010, p. 8). Othon Lynch Bezerra de Mello e seu grupo, foi o mais longínquo a dirigir os trabalhos têxteis, vivenciando anos de grandes retornos econômicos, até a sua decadência, levando os esforços do grupo para outros setores, como para a rede hoteleira.

3 A CONFIGURAÇÃO ESPACIAL E A ARQUITETURA DA "FÁBRICA CARMEN" E DO NÚCLEO RESIDENCIAL OPERÁRIO DE FERNÃO VELHO

A tipologia arquitetônica do período industrial, investida para a realização do processo de produção pela qual estaria comprometida a desempenhar, foi fundamental para o sucesso na eficiência do trabalho de fabricação e produção das grandes cidades ao redor do mundo (FARIAS, 2012, p. 76).

O bairro em que a fábrica foi instalada é cercado por morros, mata atlântica e a lagoa Mundaú, sendo esta última, um importante facilitador no fornecimento de energia para o funcionamento das máquinas, já que os dois açudes represados impulsionavam o maquinário por meio de uma engenharia hidráulica.

O ponto inicial aconteceu ao redor do prédio fabril, tornando-o desde sua origem o elemento principal da industrialização. A maior casa e mais imponente de Fernão Velho é a que serviu de residência para os donos da Companhia, estando ela em frente ao prédio de produção.

As novas construções acabaram gerando novos povoamentos decorrido desse processo, como por exemplo, a vila ABC, que foi construída em 1930 para suprir a necessidade dessa nova demanda de trabalhadores. E um tempo depois, a vila Goiabeira, que serviu para abrigar os antigos trabalhadores, que devido ao tempo de serviço

para com a fábrica, foram se aposentando, levando consigo suas respectivas famílias (SILVA; PALMEIRA, 2010, p. 8). No mapa abaixo, está exemplificado o zoneamento urbano gerado de acordo com essas novas vilas.

Figura 3 – Vila Goiabeira (azul) e Vila ABC (amarelo) e Fernão Velho (vermelho)



Fonte: Mapa elaborado pelos autores.

A fachada original das casas de operários era minuciosamente igual uma das outras, inclusive nas pinturas que lhes eram aplicadas. Sua frente contava com um portão baixo para ter acesso a porta de entrada, que junto a ela existia uma janela comum. Esse pequeno terraço anterior ao acesso era coberto por um telhado de telha cerâmica. Tal telhado era expandido para todas as casas da mesma rua, criando a moradia geminada, sempre térrea. O interior também era padronizado, sua planta baixa tinha um formato retangular, criando os espaços de uso comum e privado. Na frente existia a sala, mais a frente estendia-se um corredor de acesso aos quartos, na lateral. A cozinha localiza-se nos fundos, juntamente com um banheiro e área de serviço. Algumas casas ainda eram providas de quintal, onde muitas vezes ficavam os animais de criação da família (FARIAS, 2018).

Hoje, é possível observar algumas alterações do que antes era mantido. Muitas casas não contêm mais o portão baixo frontal anterior a entrada, ficando apenas a janela e a porta de acesso principal. Algumas adaptaram garagens dentro da área construída da residência. O telhado e a disposição urbana das casas continuam as mesmas, mudando apenas aparência das fachadas. Com a indústria em funcionamento, a manutenção das residências se dava uma vez por ano, com consertos pontuais e pintura branca nas fachadas para que se mantivesse o aspecto de higiene da comunidade.

Figura 4 – Imagem do conjunto de casas para antigos operários com fachadas originais modificadas



Fonte: Acervo pessoal.

O cuidado atual com o exterior das casas está sob responsabilidade dos próprios usuários, que foram alterando de acordo com as necessidades e satisfações de cada família. Tirando, dessa forma, a harmonia visual que havia anteriormente, já que as modificações aconteceram a partir do momento que as particularidades e gostos pessoais se tornaram possíveis de serem postas em práticas, quando não havia mais nenhum padrão que determinasse como os lares dos trabalhadores deveriam ser. Tornando maior a sensação de pertencimento do local (FARIAS, 2012, p. 75).

Já os chalés, habitados por antigos diretores e técnicos da fábrica, obtêm uma tipologia diferente da vista anteriormente. A casa não é mais térrea, como as anteriores, contando agora com mais um andar, o que estabelece um novo formato de planta baixa e disposição dos cômodos. O que se assemelha com a casa dos operários é o muro baixo com o portão anterior a entrada principal, diferenciando apenas a presença do portão para garagem, existente até hoje. Na fachada principal pode-se perceber um número maior de janelas para a rua, o que na casa dos trabalhadores só existe uma.

Figura 5 – Imagem do conjunto de chalés para antigos diretores e técnicos com fachadas originais restauradas



Fonte: Acervo pessoal.

Na atualidade, as casas que eram dos gerentes, mestres ou contramestres, possuem muros mais altos. Algumas possuem garagem e sua cobertura também foi acrescentada. Originalmente, elas já provinham de jardim antes do acesso principal de entrada à residência.

Figuras 6 e 7 – Imagem da casa dos antigos gerentes, mestres ou contramestres com as fachadas originais restauradas



Fonte: Acervo pessoal.

A residência destinada aos patrões da indústria têxtil de Fernão Velho é localizada estrategicamente em frente à fábrica. A sua imponência se destaca, junto ao prédio fabril, para quem chega ao bairro, por sua escala maior em comparação as construções ao seu redor. Seus inúmeros quartos e cômodos serviram por muitas décadas as famílias que comandaram a antiga “Companhia União Mercantil”, mas após o abandono da última família pelo setor e o encerramento dos trabalhos, o casarão passou a não ter mais a utilidade que um dia ela teve. Os moradores passaram a usufruir de todo o seu potencial arquitetônico para que o pavimento térreo fosse destinado ao comércio local. Com lojas que são administradas pelos residentes do bairro.

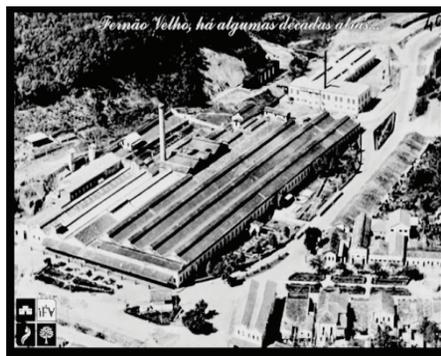
Figura 8 – Imagem da tipologia mista de moradia dos antigos donos fabris



Fonte: Acervo pessoal.

Para finalizar a comparação, tem-se a fábrica em seus tempos de funcionamento, toda coberta e fechada, com uma entrada diferente da que se vê atualmente e mostra seu interior desprovido de máquinas, equipamentos têxteis, cobertura, totalmente aberta para o céu, sem função socioeconômica nenhuma.

Figura 9 – Vista aérea da Fábrica Carmen e edificações vizinhas



Fonte: TAVARES, 2016.

Figura 10: Imagem interna das instalações da Fábrica Carmen atualmente.



Fonte: Acervo pessoal.

4 AS MUDANÇAS NA GESTÃO E O PROCESSO DE DESMONTE DA “FÁBRICA CARMEN” E DO NÚCLEO RESIDENCIAL DE FERNÃO VELHO

Ao longo de toda a trajetória da Indústria Têxtil realizada em Fernão Velho, muitos foram os modelos de administração aplicados na Fábrica que por último viria a ser reconhecida como “Carmen”. Atravessando o século passado, com proprietários que viriam a substituir um ao outro de tempos em tempos, as consequências se mostraram decisivas para o fim de suas atividades.

O capítulo que exemplificou a criação da Companhia e os donos que se sucederam, mostrou que as trocas de padrões nem sempre aconteceram para o bem da companhia, tendo ocasiões em que as conjunturas encontradas não pareciam favoráveis para as atitudes de gerência na qual a fábrica esteve sujeita. Para o infortúnio de sua memória, já que as crises pela qual passou a fábrica, afetaram não somente a economia têxtil do Estado, mas também a vida dos seus trabalhadores.

Os proprietários que antecederam os Othon já eram donos de um outro setor produtivo no estado, a Usina Utinga, como citado no primeiro capítulo. E constituíam, dessa maneira, uma das mais importantes e influentes famílias de Alagoas. Foi durante os anos que estiveram à frente da Companhia, que a fábrica se encontrou em um de seus melhores momentos.

Mas a herança herdada pelos seus feitos ultrapassou os limites da fábrica ou da usina. Como, por exemplo, o antigo Palacete Francisco Leão, que um dia serviu de residência para o repouso da família Leão, sendo logo em seguida utilizado como um hospital psiquiátrico por muitos anos até o seu fechamento, no início do ano de 2018 (TICIANELI, 2015). No entanto, o Grupo Othon assumiu as responsabilidades da fábrica, tornando-se o mais longo proprietário no comando. Foi a partir de 1943, já com seu novo dono, que a Companhia União Mercantil teve seu nome alterado para Fábrica Carmen de Fiação e Tecelagem S/A, sendo reconhecida até a atualidade de acordo com o nome que lhe foi designado (FARIAS, 2015, p. 2).

Próximo de completar 160 anos de existência na produção de seus trabalhos, na última década seus donos começaram a perder o interesse devido o mercado nacional e internacional, que se tornou competitivo. Uma das maiores influências foi o ocorrido com a invasão dos chineses na produção de tecidos, que já produziam um tecido por um preço mais barato e numa maior escala de produção (FARIAS, 2018). O que acabou gerando impotência para competir com esse tipo de mercado, algo que inclusive continua até o presente momento, afetando e tomando o espaço do mercado de vendas nacionais. Com a falta de capacidade em investir em novos maquinários fez com que o polo produtivo de Fernão Velho se tornasse ultrapassado.

No ano de 2010 a Fábrica Carmen fecha suas portas, não por motivos de crise de mercado, mas de descaso pela manutenção para com toda a atividade da indústria têxtil. Passando de geração em geração, os últimos herdeiros perderam o interesse pela execução da manufatura, tanto é que o último descendente dos Othon, o senhor Roberto Bezerra Brito Neto, dominava mais a área de destilaria, o que é uma dominação totalmente diferente da indústria têxtil.

Figura 11 – Prédio da fábrica Carmen após desocupação em 2017



Fonte: Acervo pessoal.

Também em 2017, o prédio se encontrou ocupado pelo movimento Vias do Trabalho, que tem como foco ações no interior do estado de Pernambuco e Alagoas. O discurso era de defesa dos direitos trabalhistas e de chamar atenção para os problemas que ali ocorrem, mas a verdade era que o movimento não estava em sintonia com os interesses da população. O resultado da ação foi a desocupação por meio da polícia meses depois e o fechamento físico de todas as entradas que possui o local, impedindo, dessa forma, qualquer possibilidade de intervenção das pessoas nas estruturas que estão cada vez mais arruinadas pelo tempo (G1 ALAGOAS, 2017).

5 A SITUAÇÃO ATUAL DO BAIRRO DE FERNÃO VELHO, MACEIÓ-AL

Atualmente, a população está vivendo de uma aposentadoria magra, oriunda da fábrica de fiação e tecelagem. O comércio local é pouquíssimo, abrangendo cerca de 3 a 4% de mão de obra. Também é perceptível a diminuição da população, que em seu auge eram 10 mil habitantes somente de trabalhadores da fábrica, sendo que hoje há menos de 6 mil moradores no bairro (CENSO, 2010). Infelizmente este fato acarretou o alto índice de imigração, deslocando-se para a parte alta do bairro do Tabuleiro e o centro da cidade.

Muitas tecelãs estão trabalhando como domésticas, auxiliando famílias na limpeza da casa ou tomando conta de idosos. Os homens trabalham como pedreiros, mecânicos ou criam seu próprio sustento consertando eletrodomésticos ou vendendo algum produto, fazendo suas casas de pequenas lojas. Surge, nesse momento, uma espécie de adaptação por parte dos moradores, pois tiveram de mudar o pensamento que tinham de acomodação por sempre existir o salário garantido, para ir atrás de novos meios de adquirir seu sustento.

Figura 12 – Imagem de uma residência operária, atualmente utilizado como possível comércio para sustento da família



Fonte: Acervo pessoal.

De qualquer maneira, os que ainda estão lá, exaltam as qualidades do lugar como sendo calmo e de família. Esse processo moroso de readaptação fica advindo de uma parcela da população que não vê mais esperanças de um novo começo.

Para o entrevistado Fábio Assis de Farias, o bairro só irá voltar a ser o que era antes, se retornasse a mesma produção têxtil, pois é o que os moradores têm a oferecer de sua mão de obra. Fora isso, a região poderá se tornar nada menos que um bairro dormitório.

O prédio do Recreio operário ainda se encontra com sua estrutura reconhecida dos tempos passados e a memória da população ainda se mantém bastante viva com relação ao modo de funcionamento. Atualmente, o Recreio não tem as mesmas finalidades, mas estagna seu peso simbólico, recebendo algumas festividades da cultura do bairro como quadrilhas de São João e festas carnavalescas.

A igreja de São José, fundada em 1847 pelo Arcebispo metropolitano Dom Raulfo, ainda é um símbolo de religiosidade para a população. Até então, há celebrações de missas todos os dias. Sua estrutura segue bem conservada e reformada, trazendo consigo sua arquitetura colonial bastante característica da época.

O sentimento de abandono e degradação que o edifício vem sofrendo era notório no início de 2017. Escuro e sem indicação de melhorias futuras, o salão interno estava servindo como depósito de máquinas velhas e destruídas, assim como o pátio, agora descoberto, entulhado de madeiras podres, ferros com ferrugem, poças d' água, pisos em falso e paredes em ruínas que contribuíam para o aspecto caótico e devastado.

O movimento Vias do Trabalho, mesmo ocupando o espaço, não se preocupou em transformar ou melhorar o aspecto físico do edifício, pelo menos não em um curto prazo. Após a desocupação, o governo vedou de vez a fábrica, cobrindo seu acesso principal com tijolo e cimento.

Em janeiro de 2018, em nova visita ao local, constatou-se que o bairro continua calmo e tranquilo. Hoje, pode-se dizer que Fernão Velho parou no tempo, pois não há incentivos contínuos de crescimento nem de esperança por parte dos residentes. Hoje, o que transparece é apenas morosidade, sem muitos barulhos de indivíduos ativos, que antes alimentavam sorrisos de gente feliz e esperançosa por um futuro idealizado.

SOBRE O TRABALHO

Esta pesquisa teve início em 2017 como iniciação científica de dois alunos do curso de arquitetura e urbanismo do Centro Universitário Tiradentes (UNIT), sob orientação da profa. Dra. Mônica Peixoto Vianna e teve o apoio financeiro do programa Probic para a sua realização.

Agradecimentos: agradecemos à nossa orientadora por ter doado tanta dedicação em todos os momentos e, em especial, à UNIT, pela bolsa concedida do programa Probic que foi essencial para o bom andamento dessa pesquisa.

REFERÊNCIAS

BRASIL, CBTU – Companhia Brasileira de Trens Urbanos. Notícias Maceió. 2018. Disponível em: <<https://www.cbtu.gov.br/index.php/pt/maceio>>. Acesso em: 16 ago. 2018.

CIPRIANO, Waldir. Fernão Velho: tradição e história. **O Jornal**, Maceió, 17 jan. 1999. Caderno de Cultura, p.5.

CORREIA, Telma de Barros. **Pedra**: plano e cotidiano operário no sertão. O projeto urbano de Delmiro Gouveia. 1995. Tese (Doutorado) – FAU/USP, São Paulo, 1995.

CORREIA, Telma de Barros. Moradia e trabalho: o desmonte da cidade empresarial. In: Encontro Nacional da ANPUR, 7., Recife, 1997. **Anais...** Recife: ANPUR, 1997.

ESTADO DE ALAGOAS, 2018. **Os pioneiros**. Disponível em: <<http://www.estado-de-alagoas.com/historia-de-alagoas-os-pioneiros.htm>>. Acesso em: 29 jan. 2018.

FARIAS, Fábio. **Entrevista**. Concedida à Carina Leticia Rodrigues Oliveira Falcão e Hugo Fernando Calheiros Ângelo, no dia 26 de janeiro de 2018.

FARIAS, Ivo dos Santos. **Dominação e resistência operária no núcleo fabril de Fernão Velho/AL (1953-1962)**. 2012. 115f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2012.

FARIAS, I.S.; TAVARES, M.G. Entre o moderno e o arcaico: capitalismo e dominação na indústria têxtil de Fernão Velho – Maceió-AL. In: Seminário internacional de pós-graduação em ciências sociais, 1., 2015, Marília. **Anais...** Marília: UNESP, 2015.

FARIAS, Michelle. **Ex-funcionários da antiga Fábrica Carmen ainda vivem de 'bicos' por causa de pendências trabalhistas**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/ex-funcionarios-da-antiga-fabrica-carmen-ainda-vivem-de-bicos-por-causa-de-pendencias-trabalhistas.ghtml>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

G1 ALAGOAS. **Polícia cumpre reintegração de posse na antiga Fábrica Carmen, em Maceió**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/policia-cumpre-reintegracao-de-posse-na-antiga-fabrica-carmen-em-maceio.ghtml>>. Acesso em: 26 fev. 2018.

LESSA, Golbey. **Ensaio** – para uma história da indústria têxtil alagoana. A voz do povo: espaço de reflexão e debate sobre a formação social alagoana. Disponível em: <[http:// http://pcbalagoas.blogspot.com.br/2011/10/para-uma-historia-da-industria-textil.html](http://http://pcbalagoas.blogspot.com.br/2011/10/para-uma-historia-da-industria-textil.html)>. Acesso em: 5 jan. 2017.

MACIEL, Oswaldo Batista Acioly. **Trabalhadores, identidade de classe e socialismo: os gráficos de Maceió, 1895-1905**. Maceió: Edufal, 2009.

MARINGONI, Gilberto. **História – império de crises**. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2572:catid=28&Itemid=23>. Acesso em: 17 fev. 2018.

MOURA, Golbery Luiz Lessa. **Ensaio** – para uma história da indústria têxtil alagoana. A voz do povo: espaço de reflexão e debate sobre a formação social alagoana. Disponível em: <[http:// http://pcbalagoas.blogspot.com.br/2011/10/para-uma-historia-da-industria-textil.html](http://http://pcbalagoas.blogspot.com.br/2011/10/para-uma-historia-da-industria-textil.html)>. Acesso em: 10 de abril de 2017.

OLIVEIRA, Bleine. Leilão da Fábrica Carmen deve ser anulado pelo TRT. Disponível em: <<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=315064>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

SILVA, J.D. do N.; PALMEIRA, Maria Verônica L. Heranças e transformações de um bairro industrial: o caso de Fernão Velho, Maceió-AL. In: Seminário de Patrimônio Agroindustrial - Lugares de Memória, 2, 2010, São Carlos. **Anais...**, São Carlos: USP, 2010, p.1-16.

TAVARES, Marcelo Góes. **Do tecer da memória ao tecido da história:** operários, trabalho e política na indústria têxtil em Fernão Velho (Maceió, AL, 1943-1961). 2016. Tese (Doutorado) – Programa de pós-graduação em História/UFPE, Maceió, 2016.

TENÓRIO, Douglas Apratto; LESSA, Golbery Lessa. **O ciclo do algodão e as vilas operárias.** Maceió: Sebrae, 2013.

TICIANELI, Edberto. **O Natal de Félix Lima Júnior em Bebedouro.** Disponível em: <<http://www.historiadealagoas.com.br/o-natal-de-felix-lima-junior-em-bebedouro.html>>. Acesso: 24 fev. 2018.

Data do recebimento: 25 de julho de 2018

Data da avaliação: 12 de julho de 2018

Data de aceite: 17 de agosto de 2018

1 Graduando em Arquitetura e Urbanismo da UNIT/AL. E-mail: hcalhr@gmail.com

2 Graduada em Arquitetura e Urbanismo da UNIT/AL. E-mail: carinafalcao1@gmail.com

3 Professora Titular da UNIT/AL. E-mail: monica_vianna@yahoo.com

